

São Benedito: Santo ou negro? – A troca de um santo negro por uma santa branca na cidade de Encruzilhada

Fabíola Pereira de Araújo¹

A literatura sobre a figura de São Benedito é parca, o que dificulta sobremaneira um estudo aprofundado. A cor, nesse caso, é o elemento mais importante para uma análise sobre a relação da sociedade com esse santo, que por um lado, está inserido na cultura dominante – faz parte do panteão católico – e, contraditoriamente, por outro lado, vê-se rejeitado pela elite cristã. O discurso religioso cristão não conseguira desvencilhar-se dos preconceitos inerentes à cultura européia, principalmente no que se refere à religiosidade, a noção do supremacismo branco, portanto, transpõe os limites materiais e chega à corte celeste.

São Benedito, filho de escravos etíopes, nasce em Portugal, vive em um convento e depois da sua morte passa a ser considerado um taumaturgo, angaria devotos tanto no Reino quanto no Brasil, antes mesmo da sua canonização. Na colônia, o tráfico negreiro aumenta progressivamente o número de africanos, estes, ao adentrarem nesse novo universo, sentem-se coagidos por uma religião que pretende-se única, a proteção do santo torna-se, para uma boa parte dessa população, de suma importância, para outros mais uma possibilidade de encobrir sob a imagem católica os seus orixás.

Falar de datas precisas acerca de fenômenos culturais chega a ser descabido, todavia, Bastide apoiado nos escritos de um jesuíta contemporâneo, fala de forma vaga quanto à introdução do culto a Benedito na América portuguesa, afirma que “ Antonil, em 1711, já se refere às festas de São Benedito e de Nossa Senhora do Rosário, nas capelas dos engenhos”. Logicamente não há muito rigor na data, tendo grandes possibilidades de o culto ter começado ainda no século XVII. O trânsito dos negros entre a metrópole e a colônia não era raro, devido à rentabilidade que a venda de escravos possibilitava, ou como meio de negociantes livrarem-se de maus negócios; um outro grande incentivo a esse trânsito fora o Tribunal da Santa Inquisição, que muitas vezes degredava os ditos heréticos.

A escravidão deixou marcas indeléveis na forma de se ver o negro. O estigma da inferioridade descaracteriza a história de lutas e resistências. O cerne do culto a São

¹ Aluna da Especialização Teoria e História Literária e graduada em História pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB.
e-mail: fabioladearaujo@yahoo.com.br

Benedito reside, exatamente, na cor, por um lado, a veneração que lhe é devotada vem sobretudo dos escravos e mulatos, por outro, o olhar dos brancos sobre o santo é eivado pelo preconceito racial. No prefácio da obra *Casa Grande e Senzala*, Gilberto Freyre desnuda uma situação inusitada, mas que demonstra bem o preconceito para com o santo,

os ladrões, naqueles tempos piedosos, raramente ousavam entrar nas capelas e roubar os santos. É verdade que um roubou o esplendor e outras jóias de São Benedito; mas sob o pretexto ponderável para a época, de que “negro não deveria ter luxo”(FREYRE, 1999, p.59).

O status de santo não conseguiu isentá-lo da subalternidade tida como inerente ao negro. No século XIX, um outro fator será decisivo quanto ao rumo que a devoção a esse santo tomará - a romanização do catolicismo-, mais adiante retornaremos a esse assunto.

As confrarias no período colonial tiveram grande importância. A ausência do Estado na prestação de serviços básicos para a sociedade obrigava a população a arregimentarem esforços entre si para suprir carências provenientes de uma realidade em que as situações calamitosas eram iminentes. A alimentação era débil, as condições sanitárias eram desfavoráveis, sem esquecer da ineficiência e da falta de acesso à medicina, enfim a sobrevivência era penosa. Onde a densidade demográfica era mais alta, como fora o caso da capitania das Minas Gerais, as confrarias, eminentemente, de cunho religioso, surgiram também como uma resposta ao social. O culto a São Benedito e a outros santos negros, como santa Ifigênia e Nossa Senhora do Rosário, florescem nessas associações com extrema força.

A noção do supremacismo branco e da sua cultura, cindia a sociedade tanto no âmbito material quanto no âmbito espiritual, e a forma organizacional das confrarias delatavam a visão de mundo forjada pelo europeu, Roger Bastide argumenta que o catolicismo não conseguiu firmar-se de maneira uniforme e definitiva, convergindo então para a existência de dois catolicismos – o do branco e o do negro – as irmandades também vivenciaram essa separação,

acontecia que, às vezes, se bem que erigissem em quase todos os lugares igrejas a Nossa Senhora do Rosário, a São Benedito, a Santa Ifigênia, a santo Elesbão e a outros santos de cor, as confrarias não tinham sede própria, não podiam dispor de uma igreja, seja por falta de recursos, seja porque a construção do templo não estava acabada. Nesse caso era -lhe reservada uma capela na igreja paroquial. Porém,

a seleção sempre atuava, sendo a separação das capelas o símbolo das divisões dos dois catolicismos.(BASTIDE, 1985, p.168)

O catolicismo vivido pelo negro, seja no culto doméstico, seja nas confrarias, sob a perspectiva do pesquisador Roger Bastide e Laura de Mello e Souza era necessariamente um catolicismo corroído pelas religiosidades africanas. O culto aos santos, ainda que fossem negros, carregava a mácula do sincretismo, “ é compreensível, nessas condições, que o catolicismo negro em geral sobrepôs-se, mais do que a penetrou, à religião africana, e a confraria frequentemente prolongou-se em candomblé”(BASTIDE, p.183).

Corroborando as afirmações de Bastide, Mello e Souza salienta a questão do estímulo às práticas por parte dos senhores, o que remete à conclusão de que o culto e as festas dedicadas aos santos católicos nem sempre correspondiam aos desejos mais íntimos dos negros, às significações atribuídas a estas festas faltavam a rigidez da ortodoxia católica, “ outorgado, talvez, num primeiro momento, pela camada dominante, o sincretismo afro-católico dos escravos foi uma realidade que se difundiu com a preservação dos próprios ritos e mitos das primitivas religiões africanas. Cultuava-se São Benedito, mas cultuava-se também Ogum...”(MELLO E SOUZA, 1997, p.93-94).

A análise de Luís Câmara Cascudo, quanto ao paralelismo do culto a São Benedito e algum orixá é discordante das análises descritas acima. Um outro ponto de discordância é quanto à composição devocional de São Benedito. Em Made In África, Câmara Cascudo afirma que,

no Brasil seus fiéis eram negros forros, a famulagem das casas-grandes e, maioria esmagante, famílias portuguesas e brasileiras. Não convergiu para nenhum orixá jeje-nagô na Bahia ou no Rio de Janeiro. Apenas João do Rio dá notícia de sua encarnação como sendo Ligongo, entre os cabindas de 1903 na então Capital Federal. Depois, desapareceu.

Essa visão desconsidera a possibilidade do sincretismo sob a alegação de que,

Seria uma fórmula defensiva evitar a presença de um Santo Preto nos candomblés e macumbas. A incidência da cor faria desconfiar a vigilância católica quanto ao processo simulador da aculturação, orixás nos oragos. Ninguém maldaria de São Jorge ser Oxóce ou sant' Antônio representar Ogum, ambos alvos e de olhos azuis. São Benedito era “santo de preto” pela epiderme.(CASCUDO, 2001,p.165)

Na obra Dicionário do Folclore Brasileiro, o autor indica que São Benedito “ não foi aculturado com os orixás, permanecendo na sua personalidade anterior e pura”(CASCUDO, 2000, p.118).

Acreditar em uma total absorção do negro pelo catolicismo é um tanto falho, como diz Bastide, “ o negro percebe muito bem a oposição existente entre sua religião e o catolicismo. Suas divindades lhe parecem mais próximas dos gênios ou das fadas que da virgem e dos santos”(BASTIDE, 1985, p.358). O purismo religioso, assim como o cultural, se já é improvável para qualquer outro período histórico, para o período colonial do Brasil torna-se muito mais inacreditável. Os vários elementos que aqui se encontraram, mesclaram-se e difundiram de forma indivisa.

O final do século XIX marca o início de um novo momento da Igreja Católica no Brasil. Inicia-se o processo de romanização que começou durante o pontificado de Pio IX (1846-1878), o grande objetivo dessa reforma é a uniformização do catolicismo, o modelo romano deve se sobrepor a qualquer manifestação católica em qualquer parte do mundo. No contexto brasileiro, onde as várias expressões de religiosidade se fundiram, essa romanização vai criar um clima bastante tenso, afinal o catolicismo que vingara na colônia sempre fora uma religião, na prática, à margem dos cânones católicos e da própria liturgia. A “devoção” nos moldes que se processavam no Brasil deveriam ser expurgadas, por terem em demasia elementos “populares”, leia-se elementos da religião afro e indígena.

A professora Maria Aparecida Junqueira Veiga Gaeta, a partir do estudo do catolicismo nos finais do século XIX e início do século XX, desvela um confronto entre o catolicismo tridentino e romanizador e do outro lado o catolicismo tradicional vigente,

em círculos concêntricos, as diretrizes ultramontanas deveriam dirigir-se a todo o universo católico, seguindo uma ordenação perfeita tal qual a solar, numa mecânica celestial irradiadora de luz e de vida. Nesse sonho unitário não se configuravam as incompatibilidades e as alteridades identitárias. Na busca do uno, diante do múltiplo social, manifestava-se a intransigência ante o plural, confrontando-se, na verdade, com o próprio lugar da história que é, por excelência, o lugar da divisão e dos choques de valores.(GAETA, 1997, p. 03)

Bastide, ao analisar essas transformações que começam a serem gestadas dentro do catolicismo, fala das mudanças dentro da própria composição do clero – nesse período o número de padres alemães e italianos que atuavam no Brasil aumentou

gradativamente -, dentro dessa nova realidade tudo que lembrasse demais a crença do negro passou a ser objeto de querela, naturalmente o santo negro não sai ileso,

... esse culto de São Benedito ficou carregado de ressentimentos, que outrora não se encontravam, pelo menos no mesmo grau. Seu dia deve ser celebrado anualmente pela Igreja, sem o quê os castigos se abateriam sobre a comunidade; há mesmo um mito que justifica esse dever: “Disse Deus a São Benedito que ele ia ser santo. São Benedito respondeu que não queria, porque era negro. Então Deus declarou que quem zombasse dele seria castigado”.(BASTIDE, 1985,p.476)

O mito em Encruzilhada², talvez tenha as suas raízes nesse mito mais geral, apresentado por Roger Bastide. Porém, é preciso dizer, que não se trata de uma mera repetição, ele tem os seus fundamentos históricos, suas especificidades, nesse caso a figura de Benedicta – figurativamente ela carrega a imagem que se tem da religiosidade afro, a feitiçaria- talvez seja o que sedimenta, irremediavelmente esse mito; ademais, São Benedito fora preterido na referida cidade e o suposto castigo nasce dessa rejeição, Barthes instiga, “o mito é uma fala escolhida pela história: não poderia de modo algum nascer da ‘natureza’ das coisas”(BARTHES, 1993,p.132).

A história religiosa de Encruzilhada é marcada por este fato bastante controverso. A paróquia da cidade foi fundada em 1936, tendo como padroeira a santa européia, Nossa Senhora de Lourdes, o entrave porém, era São Benedito ter sido cultuado por muito tempo como o padroeiro da então vila. No momento do reconhecimento oficial por parte da Igreja Católica,o santo fora rejeitado pela elite encruzilhadense, alegando o fato de Benedito ser negro, sendo portanto, portador de uma inferioridade que não era condizente com a vila. O livro de Tombo da cidade não faz nenhuma referência ao culto devotado a São Benedito, e é nesse silêncio que a Igreja local se apóia para afirmar que a “história” de Benedito ter sido o padroeiro da cidade, antes de Nossa senhora de Lourdes, não passa de uma falácia. Porém, o Livro de Tombo da Paróquia Nossa Senhora das Vitórias, em Vitória da Conquista, fala da existência de um quartinho dedicado a São Benedito desde 1905,

² O município de Encruzilhada está situado no sudoeste baiano a 608 KM de Salvador, possui uma população de aproximadamente 30.000 habitantes.. Em meados da década de 80 do século XIX nasce um pequeno arraial do entorno de uma selaria, situada em uma rota de boiadeiros, que ligava o norte de Minas Gerais com o Sul da Bahia, o arraial pertencia à Vitória da Conquista, todavia o crescimento fora acentuado, o que lhe conferiu rapidamente a categoria de Vila.

em Encruzilhada há uma capela em construção, mas já abandonada desde muito, é uma pobre velha africana chamada de Benedita que fornece ali ao padre um quartinho construído por ela e dedicado a São Benedito para a celebração de missa e administração dos sacramentos³.

Percebe-se pois, que, a despeito da tentativa de silenciar o preexistente culto a Benedito em relação à Nossa senhora de Lourdes, tanto a existência da capela quanto o culto era fato. Todavia, santos negros terem sido substituídos por santos brancos, não foi um acontecimento restrito à Encruzilhada, Gaeta afirma que a partir da romanização do catolicismo,

as devoções que possuíam uma larga expressão popular, como a de São Benedito e a do Divino Espírito Santo, a de Nossa Senhora do Rosário, a de Santa Efigênia, a de santo Elesbão e a dos Reis Magos começaram a ser desqualificadas pelos agentes ultramontanos. Discretamente as imagens eram retiradas dos altares centrais e alojados em capelinhas.(1997, p.06)

A troca foi um fato. E, segundo os depoentes da pesquisa, coadunando com o que Gaeta afirma, a troca não foi brusca, do lado do altar central onde se alocou a santa branca, ficou Benedito por um determinado período, daí para a sacristia e depois para o “esquecimento oficial”, o que não impede que memórias dissidentes se afirmem. É interessante notar que em nenhuma fala dos depoentes a Igreja católica tenha sido evocada como o elemento determinante da troca, no imaginário da cidade, esta se deu pela vontade, única e exclusiva, de uma família, que teve como sentimento norteador para a alteração dos santos o preconceito pautado na cor. A escolha da substituta oficial de Benedito conota uma tentativa de imposição sem reação. A santa substituta não é qualquer santa, é Nossa Senhora de Lourdes, rejeitá-la, seria, rejeitar a mãe do próprio Deus. Na hierarquia celeste, São Benedito ocupa um degrau inferior.

O que nos importa agora é como a memória encruzilhadense ressignifica essa troca, e baseado em quais parâmetros, atribuem a São Benedito os infortúnios da cidade. Conta-se que o culto fora iniciado por uma negra, chamada Benedicta Affricana, e o próprio documento, encontrado na Igreja Matriz de Vitória da Conquista, já citado, o atesta.

Essa talvez seja a informação mais importante para a nossa pesquisa, o fato de esse culto ter tido como preceptora uma negra, que possivelmente, tivera uma ligação

³ Livro de Tombo da Igreja Matriz de Vitória da Conquista, 03 de fevereiro de 1905. AIMVC/BA.

muito próxima com a África⁴. Deduz-se daí que a sua religiosidade, dificilmente, tivera como fator predominante o purismo católico. Uma total conversão, nessa situação, é impossível, não só pela individualidade da pessoa, mas pelo próprio modelo de catolicismo que florescera no Brasil a partir do encontro das diferentes etnias que foram obrigadas a conviverem. É bem provável que a imagem de São Benedito tenha funcionado muito mais como uma licença para o desenvolvimento de um culto heterodoxo, sem despertar frontalmente a ira da tradição católica. Aqui talvez resida uma explicação para o nascimento do mito em Encruzilhada, não era, e ainda hoje não é raro associar a religiosidade negra com feitiçaria e encantamentos de todo tipo, assim foi na colônia, e prossegue, com menor intensidade na atualidade.

Qualquer ligação com a religiosidade negra faz vir à tona o estereótipo de feitiçaria, e Benedicta reunia os atributos que constituíam tal estereótipo, era negra, vinda da África, ou seja, suas raízes estavam embebidas no que se constitui o imaginário do medo do feitiço, e ainda estava à frente de um culto religioso, que, por sua vez, estava à margem do catolicismo instituído. A figura de Benedicta e de São Benedito, nesse caso, são indissociáveis, pois o castigo que Benedito impõe à cidade é fruto de uma perspectiva de continuidade da forma que se via a religião do negro no período colonial e, invariavelmente, de como São Benedito foi ressignificado em um tipo de devoção que fora incitado, muito mais para exemplificar a obediência e a humildade, frente aos senhores brancos. No deslocamento da semantização de Benedito, ele fora visto muitas vezes como um companheiro do negro cativo, em alguns casos como um orixá, em outros que sabe, como um justiceiro das mazelas sofridas pelos seus irmãos de epiderme.

Através da troca e do mito, sucessivamente, podemos perceber o tipo de relação que a sociedade estabelece com o negro e com São Benedito, que é o objeto desta pesquisa. Durante muito tempo no Brasil, país que abriga uma das maiores populações negras do mundo, pesou sob o imaginário, alimentado por uma ciência descomprometida com o real, a noção de que reinava na mais perfeita tranquilidade uma “democracia racial”. Era a afirmação de que no Brasil não existia o preconceito pautado

⁴ Tanto Bastide como Mello e Sousa fazem referência à escolha do sobrenome dos negros vindos do continente africano não ter acontecido de forma aleatória, os sobrenomes, no geral, era definido pela localização geográfica de que o negro proviesse, assim, alguns traziam como acompanhante do seu primeiro nome - e esse em vias de regra, deveria ser ocidental, de preferência cristão- o “Angola”, o “Benim”, enfim, algum adjetivo pátrio. Benedicta usava o “Affricana”, em detrimento de um nome mais específico.

na cor, não só no âmbito material como também no âmbito simbólico. Esta pesquisa, desnuda uma situação local, mas que em essência não destoa do que aconteceu no Brasil inteiro. O preconceito racial estivera sempre presente nas relações entre brasileiros, situação que estende os seus tentáculos até a atualidade. A forma de se conceber o negro fora tecida a fio por uma sociedade escravocrata, pautada sobretudo na inferioridade nata do povo africano. É este imaginário pois, que frutifica no Brasil, onde nem as divindades saem ilesas, São Benedito fora somente mais uma vítima, como tantas outras; a diferença reside em ele poder, por meio do sortilégio, açambarcar o futuro de Encruzilhada.

REFERÊNCIAS:

BARTHES, Roland. Mitologias. 9ª edição. Rio de Janeiro. Ed. Bertrand Brasil S.A, 1993.

BASTIDE, Roger. As Religiões Africanas no Brasil: Contribuição para uma Sociologia das Interpenetrações de Civilizações. Vols. I & II, São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1985.

CASCUDO, Câmara. Dicionário do Folclore Brasileiro. 10ª edição. Rio de Janeiro, Ediouro, 2000.

_____. Made in África, - 5 ed.- São Paulo: Global, 2001.

FREYRE, Gilberto. Casa-Grande e Senzala. 36ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1999

GAETA, Maria Aparecida J. Veiga. A Cultura clerical e a folia popular. In: Ver. Brás. Hist. Vol.17 n. 34, São Paulo, 1997.

SOUZA, Laura de Mello e. O Diabo e a Terra De Santa Cruz. Feitiçaria e Religiosidade popular no Brasil Colônia. São Paulo, Companhia das letras,1997.